



Departamento de Justiça dos Estados Unidos revela plano encomendado pela Guarda Revolucionária Islâmica contra o presidente republicano eleito e contra ativista de direitos humanos. Duas pessoas estão presas e uma é considerada foragida

Complô do Irã para assassinar Trump

» RODRIGO CRAVEIRO

O plano revelado pelo Departamento de Justiça dos Estados Unidos teria como origem o Corpo da Guarda Revolucionária Islâmica. Os alvos iniciais seriam cidadãos iranianos residentes nos EUA, incluindo Masih Alinejad, uma ativista de direitos humanos exilada em Nova York. Em 7 de outubro passado, o foco teria mudado para Donald Trump. O atentado ocorreria poucas semanas antes da eleição de 5 de novembro.

Os detalhes foram divulgados por Merrick Garland, procurador-geral, e por Christopher Wray, diretor do FBI (a polícia federal americana). O iraniano Farhad Shakeri, 51; e os norte-americanos Carlisle Rivera, 49, conhecido como "Pop", e Johnathon Loadholt, 36. Rivera e Loadholt foram presos em Nova York. Shakeri, um agente da Guarda Revolucionária, está foragido. O FBI acredita que ele resida no Irã.

Sob a promessa de receber US\$ 100 mil, Shakeri teria recrutado os dois outros acusados em uma rede de criminosos. Ele migrou para os EUA quando criança e foi deportado por volta de 2008, depois de cumprir uma sentença de 14 anos por roubo. Na prisão, Shakeri conheceu Rivera e Loadholt. Trump sofreu um atentado durante comício na cidade de Butler, no estado da Pensilvânia, em 13 de julho passado.

Dois meses depois, em 15 de setembro, um homem foi preso após apontar um fuzil contra o republicano, enquanto ele jogava golfe em seu clube particular, em West Palm Beach. Os dois incidentes não teriam ligação com o plano descoberto. Isso porque Shakeri teria recebido ordens de matar Trump em um prazo de uma semana — até 24 de outubro.

"Existem poucos atores no mundo que representam uma ameaça tão grave

à segurança nacional dos Estados Unidos como o Irã. Não apoiaremos as tentativas do regime iraniano de pôr em perigo o povo americano e a segurança nacional da América", declarou Garland. "As acusações anunciadas hoje (ontem) expõem tentativas reiteradas e descaradas do Irã de alvejar cidadãos dos EUA, incluindo o presidente eleito Donald Trump, outros líderes do governo e dissidentes que criticam o regime em Teerã", afirmou, por sua vez, Wray.

Segundo ele, o Corpo da Guarda Revolucionária Islâmica é uma organização terrorista que tem conspirado com criminosos e assassinos para alvejar e eliminar americanos nos EUA. "Isso não será tolerado. Graças ao duro trabalho do FBI, seus esquemas mortíferos foram interrompidos. Estamos empenhados em utilizar todos os recursos do FBI para proteger os nossos cidadãos do Irã ou de qualquer outro adversário que tenha como alvo os americanos", acrescentou.

Em choque

Em vídeo divulgado na rede social X, Masih Alinejad contou que estava em Berlim, para uma cerimônia alusiva ao 35º aniversário da queda do Muro de Berlim, quando recebeu um telefonema do FBI. "Eles me disseram que prendem dois indivíduos, contratados pelo regime iraniano, para me matar e para assassinar o presidente Trump. Esses caras foram à minha casa para me matar. Eu tinha sido convidada para ir à Universidade Fairfield, onde daria uma palestra, e o FBI me aconselhou a não ir. Não me disseram o motivo, mas admitiram uma ameaça iminente", relatou. "Agora, sei o motivo pelo qual não poderia ir à universidade. Estou em choque. Conheço a natureza da República Islâmica. Ela mata qualquer um que se oponha ou critique sua ideologia."

Eva Maira Uzcategui/Getty Images/AFP



Oficiais da Guarda Costeira patrulham a região de Mar-a-Lago, residência de Donald Trump, na Flórida: segurança reforçada

Arquivo pessoal



Masih Alinejad, ativista iraniana nos EUA: "Sei a natureza da República Islâmica"

Para Majid Rafizadeh, cientista político e especialista em Oriente Médio pela Universidade de Harvard, o fato de o Departamento de Justiça ter tornado públicas as queixas sobre o complô iraniano para assassinar o presidente eleito sinalizaria grave violação diplomática e de segurança. "Isso sugere que o Irã possa estar disposto a tomar medidas drásticas para influenciar ou responder à política externa dos Estados Unidos. Tal queixa deverá atrair intenso escrutínio público e político, dada a natureza de grande visibilidade do alvo e as implicações para as relações entre Washington e Teerã", afirmou ao **Correio**.

Rafizadeh acredita que a divulgação do plano faça parte de uma estratégia

AFP



Trump sofreu um atentado a tiros em 13 de julho passado, na Pensilvânia

mais ampla de segurança nacional, cujo objetivo seja dissuadir mais ações do Irã ou reforçar sanções econômicas, além de outras contramedidas diretas. Questionado sobre as motivações do regime teocrático islâmico para matar Trump, o especialista cita o papel do presidente eleito no restabelecimento e na intensificação das sanções, que tiveram um impacto econômico "devastador" sobre o Irã.

Ainda segundo Rafizadeh, o governo Trump (2016-2020) encampou políticas percebidas pelo Irã como antagonônicas, como o assassinato do general Qassem Soleimani, um dos chefes da Guarda Revolucionária Islâmica, em 3 de janeiro de 2020. "Essa ação foi vista pelo Irã

Eu acho...



"Trump pode adotar uma posição mais linha-dura em relação ao Irã, potencialmente escalando ainda mais as sanções, pressionando por uma dissuasão militar mais rigorosa ou procurando alianças regionais adicionais para isolar o Irã. Dada a história de Trump, é concebível que ele possa procurar vingança, por meio de operações secretas, ofensivas cibernéticas ou do reforço de alianças com os adversários do Irã no Médio Oriente. Ações retaliatórias teriam de considerar o equilíbrio geopolítico."

Majid Rafizadeh, cientista político da Universidade de Harvard

como ameaça à sua segurança e à sua influência regional. A retaliação poderia ser motivada pelo desejo de reafirmar o próprio poder ou de alertar futuras lideranças sobre os riscos de adotarem políticas agressivas similares contra o regime", acrescentou.

Conexão diplomática



por Silvío Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Marcação cerrada no time de Trump

Enquanto cuida dos últimos retoques para a cúpula do G20 no Rio de Janeiro, dentro de pouco mais de uma semana, a diplomacia brasileira não perde de vista os sinais emitidos dos EUA sobre o programa e — muito especialmente — a composição do futuro governo de Donald Trump. A escolha dos nomes para a área externa e de segurança, em particular, poderá indicar mais claramente o tamanho do interesse do presidente eleito e de sua equipe para o Hemisfério Americano, que compreende a América Latina.

As reações iniciais, no Planalto e no Itamaraty, oscilaram entre protocolares e cautelosas. O presidente Lula felicitou o vencedor por mensagem nas redes sociais, mas não procurou um contato direto, ao contrário do que fizeram governantes mais próximos do magnata republicano. Em entrevista, o assessor especial do Planalto, Celso Amorim, chanceler nos primeiros oito anos de governo petista, definiu como "civilizada" a relação que Lula espera estabelecer com a Casa Branca a partir de janeiro.

No discurso da vitória, Trump enumerou como prioridade máxima a deportação em massa de imigrantes

ilegais. Até os últimos dias de campanha, reiterou a determinação de pôr fim às guerras na Ucrânia e no Oriente Médio. Sobre a vizinhança imediata, por ora, apenas a certeza de que a vigilância será reforçada na fronteira com o México.

Bem me quer

Definições diretamente políticas à parte, é na preparação da cerimônia de posse que se poderão fazer notar algumas escolhas do novo presidente em matéria de relações pessoais. Habitualmente, os países com os quais Washington mantém relações são representados pelos respectivos embaixadores. Isso não exclui, porém, que personalidades políticas sejam convidadas.

Um gesto em direção ao presidente brasileiro, ainda que meramente formal, pode abrir caminhos. É mais provável, no entanto, que a deferência seja feita ao colega argentino, Javier Milei, entusiasta do retorno de Trump à Casa Branca. Por aqui, quem espera ser agraciado é Jair Bolsonaro, outro fã de carterinha. Para ele, porém, o convite não

será o bastante: faltará conseguir do ministro Alexandre de Moraes a liberação do passaporte do ex-presidente. Congressistas de direita já organizam caravana para Washington.

Teste à vista

Antes mesmo da posse, marcada para 20 de janeiro, o segundo governo Trump poderá ter uma primeira prova de fogo na vizinhança do Brasil. No dia 10, Nicolás Maduro inicia o novo mandato de seis anos como presidente da Venezuela, fruto da contestada eleição de julho último.

A oposição local de direita comemorou com entusiasmo a volta à Casa Branca de um aliado que, no período 2017-2021, adotou linha dura contra o regime bolivariano e seus aliados em Cuba e na Nicarágua. Da Espanha, onde se exilou em setembro, o candidato Edmundo González, que se proclama o vencedor legítimo, anuncia que pretende estar de volta ao país para assumir o cargo.

González e seu entorno apostam as fichas na escolha do senador Marco Rubio, recém-reeleito pela Flórida, para

chefiar o Departamento de Estado. Por origem e trajetória política, ele poderá intervir de modo mais incisivo em uma crise política naquela que se proclama a Pátria de Bolívar.

"DR" na Europa

Enquanto o time de Trump ensaia os primeiros passos da transição, os aliados europeus se reúnem na Hungria para, entre outros assuntos em pauta, "discutir a relação" com o patrono e caixa-forte da Otan. O anfitrião, Victor Orban, se opõe abertamente à ajuda militar para a Ucrânia em sua guerra com a Rússia de Vladimir Putin — que, assim como Trump, é amigo do premiê húngaro.

A reunião de cúpula da União Europeia coincidiu com uma crise aguda na Alemanha, que divide com a França o comando do bloco. Com a economia em frangalhos, em boa parte pelo impacto econômico do conflito, o chanceler (chefe de governo) Olaf Scholz viu sua coligação rompida pelos parceiros liberais, e seu Partido Social Democrata terá de ir às urnas, em eleição antecipada, com a perspectiva de ser esmagado pela direita democrata-cristã e pela extrema-direita anti-imigração.

Na campanha vitoriosa deste ano, assim como no primeiro mandato, Trump

deixou claro que exigirá dos parceiros maior participação no custeio da aliança militar. E indicou fortemente que cortará a ajuda militar à Ucrânia de Volodymyr Zelensky.

Gregos e troianos

Se divide opiniões mundo afora, começando pelo próprio país, Trump conseguiu produzir um cenário inverossímil no sempre surpreendente Oriente Médio. Depois de ter ensaiado a mudança efetiva da embaixada norte-americana em Israel para Jerusalém, quando ocupou a Casa Branca, o presidente eleito foi festejado efusivamente pelo premiê Benjamin Netanyahu, a quem renovou as juras de apoio incondicional contra o movimento palestino Hamas, os xiitas libaneses do Hezbollah e o regime islâmico do Irã — aliado de ambos.

Curiosamente, a vitória do republicano foi comemorada também na Faixa de Gaza, submetida há um ano a uma operação militar israelense que destruiu o território e deixa até aqui um saldo de mais de 42 mil mortos. Assim como uma parcela ponderável da comunidade árabe-muçulmana dos EUA, os palestinos não perdoam o amparo militar e diplomático dado a Netanyahu pelo governo de Joe Biden.